

PRAÇA DO CIRCO E RUA JOSÉ MELGAÇO DA FONSECA: DO ESPAÇO AOS MULTITERRITÓRIOS

CIRCUS SQUARE AND JOSÉ MELGAÇO DA FONSECA STREET: FROM A SPACE TO MULTITERRITORIES

ADÃO DE FREITAS MARQUES

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás/Câmpus de Quirinópolis
adaofmarques@gmail.com

EDEVALDO APARECIDO SOUZA

Professor Dr. na Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Quirinópolis
ediueg@gmail.com

Resumo: Este texto é parte das discussões teóricas e empíricas da pesquisa monográfica “Praça do Circo e Rua José Melgaço da Fonseca: do espaço aos multiterritórios”, que será apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da UEG, Campus Quirinópolis. A metodologia da pesquisa é constituída por leituras teóricas a respeito dos conceitos de espaço, território e multiterritórios, bem como das praças e feiras livres; entrevistas com moradores próximos à praça, feirantes e outros usuários desse espaço. O objetivo é comprovar que as diferentes formas de uso da Praça do Circo e da rua José Melgaço da Fonseca produzem tensões que coexistem pelo fato de que essas várias funcionalidades não ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, apresentam-se em dias e horários diferentes. Desse modo, objetivamos comprovar que está posto, nesse espaço, a presença de multiterritórios.

Palavras-chave: multiterritórios. Praça do circo. Feira livre.

Abstract: This text is part of theoretical and empirical discussions of a monographic research entitled “Circus Square and José Melgaço da Fonseca Street: from a space to multiterritories”, which will be presented to the Licenciature Degree in Geography at UEG, Quirinópolis Campus. The research methodology is based on theoretical papers concerning the concepts of space, territory and multiterritories, as well as squares and street fairs; interviews with subjects living close to the square, street fair vendors and other users in this space. The goal is to prove that the different uses of the Circus Square and José Melgaço da Fonseca Street produce tensions. However, they coexist by the fact that the various functionalities do not occur at the same time, that is, they take place in varied days and times. Thus, we aim at proving that such space encompasses multiterritories.

Keywords: Multiterritories. Circus Square. Street Fair.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta a importância da feira livre na Praça do Circo para parte da cidade de Quirinópolis, haja vista que, com exceção de quarta, no restante da semana, não existe a feira neste local. Nos outros dias, o espaço tem outras funções. Na praça, ocorrem festividades da cidade, como rodeio e eventos patrocinados, ou não, pela Prefeitura ou não. Durante alguns

dias da semana, vários jovens se reúnem na praça para treinar manobras radicais, com skate e eventos circenses. Enquanto isso, a Rua José Melgaço da Fonseca tem a função de tráfego de veículos, ciclistas e pedestres.

Nas quartas-feiras à tarde, a rua é interditada pelo poder público municipal, cedendo lugar a aproximadamente 100 feirantes, que vão montando seus boxes, um ao lado do outro. As negociações acontecem também na rua, como é o caso dos vendedores de espetinhos. Também ocorre de serem vendidas outras mercadorias, expostas dentro dos porta-malas dos carros, por vendedores ambulantes. Outros usam expositores de cano de PVC¹, linha de anzol e isopor para expor suas mercadorias para comercialização de redes, colchas e, ainda, adornos artesanais dos hippies.

Depois de montada toda a feira, tem-se um mercado a céu aberto em funcionamento, dentro do espaço da praça. Nesse dia, a rua cede lugar aos feirantes e relações sociais acontecem em qualquer lugar, independentemente do tempo e do espaço. Todos se relacionam e trocam conhecimentos, informações e experiências entre si. Esse espaço também é um lugar onde muitas famílias vão para momentos de lazer e para fazer novas amizades.

Este texto é parte de uma monografia, ainda em construção, que estabelece, como metodologia de pesquisa, leituras teóricas a respeito dos conceitos de espaço, território e multiterritórios, bem como das praças e feiras livres; entrevistas aos moradores próximos à praça, aos feirantes e outros usuários desse espaço.

Esse texto faz uma abordagem à atividade principal, a feira livre, pelo fato de as investigações estarem mais avançadas na pesquisa. No entanto, outras atividades ali desenvolvidas foram descritas, mas ainda carecem de maiores averiguações. O objetivo é comprovar que as variadas formas de uso da Praça do Circo e da rua José Melgaço da Fonseca produzem tensões e elas coexistem pelo fato de que essas várias funcionalidades não ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, apresentam-se em dias e horários diferentes. Desse modo, é provável que haja, nesse espaço, multiterritorialidades.

¹ PVC é a sigla inglesa de “*Polyvinyl chloride*” que em português significa Policloreto de olovinila ou policloreto de vinil.

CONCEITOS DE ESPAÇO E MULTITERRITÓRIOS E OS SUJEITOS QUE OS CONSTROEM

É importante analisar a Praça do Circo e a Rua José Melgaço a partir da categoria de análise *espaço*. Para Santos o espaço compreende o todo, porque ele nunca está estático (SANTOS, 1988). Esse é o caso da Praça do Circo, que está sempre em metamorfose, ora existe feira, ora festivais municipais, ou, ainda, outras atividades promovidas pela população, como comercialização de produtos, lazer, cultura, mutirões comunitários de acordo com as necessidades de cada grupo.

Essas relações fazem com que haja alterações espaço-temporais, dependendo dos anseios da sociedade e do espaço. Para Carlos, o espaço é palco da atividade humana, pois é nele que a sociedade habita, trabalha e cuida da saúde das pessoas. Ele é produto e condição de toda a atividade humana, onde acontece toda uma rede de acesso à população mais carente (CARLOS, 1992).

Segundo essa autora (1992), o espaço geográfico é produto do processo de trabalho da sociedade, pois, antes da Praça do Circo, existia um terreno abandonado, com muito lixo, sujeira, mau cheiro de animais mortos ali depositados e muito mato. Há poucos anos, o poder público municipal revitalizou esse espaço, transformando-o em praça, e a sociedade passou a frequentá-lo como palco de várias atividades.

Carlos relata que o espaço é produto do capital e, no caso da feira, surge para valorizar o local, criando e revitalizando a Praça do Circo, em homenagem aos grandes circos que já se instalaram no local. Os espaços surgem e ressurgem para atender as demandas do capitalismo, e a sociedade dinamiza esse espaço, por onde ele está (CARLOS, 1992, p.26).

Outro conceito ligado ao espaço é o território. Para Haesbaert (1997), o conceito de território vem do latim, *territorium*, que, por sua vez, tem origem na palavra *terra*, que significa (pedaço de terra apropriada). Embora não designe necessariamente ser proprietário, “dono” da terra. A terra pertence a alguém, mas outra pessoa pode apenas trabalhar nela de diferentes maneiras, sem que seja o dono dela. Nesse caso, apenas se apropria. Ainda assim, é um pertencimento, um território.

Segundo Raffestin, o [...] ator "territorializa" o espaço, pois, sem a sociedade, existe somente o espaço, e não o território, fruto da interação entre espaço e sociedade, que dá

origem ao território já incorporado à sociedade (RAFFESTIN, 1993). Raffestin comenta que o espaço somente é usado como matéria-prima para se criar um território:

Para um marxista, o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade. O espaço é portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle, portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Segundo Haesbaert, o mundo está cedendo lugar aos múltiplos territórios, prevalecendo os interesses locais de acordo com o lugar, não sendo somente uma praça, mas tendo várias funções e usos, com vários multiterritórios, atendendo várias classes sociais, inclusive a população rural (HAESBAERT, 2004).

Ainda de acordo com Haesbaert, esses territórios não devem ser exclusivos, com uma única função, mas de várias funcionalidades, atuando como uma rede local, de atacado, varejo, lanches, entretenimento, lazer, acessibilidade e boa logística, onde esse território possa ser fragmentado, possibilitando outros territórios mais bem elaborados, surgindo os multiterritórios (HAESBAERT, 2004, p. 337).

A Praça do Circo está fisicamente localizada no Bairro Municipal, Quadra 02, tendo a Rua José Melgaço da Fonseca como uma das principais vias de acesso. Para entendê-la, a partir das ideias de território de Haesbaert e suas diferentes funções, ou multiterritórios, é necessário analisar os usos que a população tem com esse espaço, de diferentes maneiras, em diferentes dias da semana e horários, até mesmo usos restritos, como usuários de produtos químicos ilícitos em determinados períodos noturnos.

Para Haesbaert, a multiterritorialização ou multiterritórios, significa possibilidades em acessar/conectar diferentes territórios no mesmo espaço, tanto no sentido de um deslocamento físico, quanto "virtual", acionando diferentes territorialidades e novas experiências espaçotemporais por intermédio do ciberespaço (HAESBAERT, 2004).

Para Santos, um território é usado para marcar uma área, seja ela qual for, desde que

tenha o controle de órgãos governamentais, ONGs, grupos culturais, até mesmo a fauna e a flora. Para isso, é preciso haver um limite físico natural na superfície terrestre, que deve ser concreto, palpável aos olhos (SANTOS, 2015). Ainda segundo esse autor, o território é caracterizado por “uma área de influência, ou campo de ação de determinadas empresas, [órgãos e entidades] que dominam o processo produtivo, a circulação de mercadorias e/ou prestação de serviços” (SANTOS, 2015).

Santos afirma que o território pode ser caracterizado como uma praça onde acontecem diversas atividades, como é o caso da feira livre em todas as quartas-feiras, mas também em outras ocasiões é espaço para diversificados eventos, como o governo itinerante, onde a população pode procurar os serviços básicos municipais estaduais e federais e também cortes de cabelo, manicure, pedicure, dentista, consultas, exames e cursos profissionalizantes.

Para Chelotti, os espaços físicos ou imateriais acontecem de acordo com a dinâmica social, onde os sujeitos da sociedade, quando vão à praça, multiterritorializam-na com novas experiências adquiridas com gente de outros estados e novas tribos urbanas e/ou das experiências do homem do campo. Portanto, esse espaço com novas culturas promove o surgimento de outras culturas ou até mesmo tensões culturais, criando novas identidades, resignificando o lugar (CHELOTTI, 2010).

A Praça do Circo existe por demanda dos grupos sociais locais, no qual cada grupo promove o seu território e suas identidades nesse espaço que, segundo Chelotti:

A identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial. Portanto, percebesse que a incorporação da dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico, tem possibilitado uma enorme riqueza nas análises sobre a produção do espaço, das paisagens, das territorialidades (CHELOTTI, 2010, p. 171).

Com as contribuições de Chelotti (2010), é possível observar que cada grupo social cria seu território, como acontece na Praça do Circo: o território da feira nos dias de quarta feira; das atividades esportivas e físicas dos praticantes de skate, de quem gosta de fazer academia (equipamentos populares) e quem gosta de caminhar; há também o território daqueles que usam entorpecentes e praticam atos ilícitos; das atividades culturais como os locais específicos para a instalação de circos e eventos, como os rodeios patrocinados pela Prefeitura e outras festas públicas particulares.

Desse modo, Martins e Cleps Junior (2012) compreendem que, no território, estão

presentes elementos materiais e imateriais indissociáveis. É na apropriação do material, contudo, que o imaterial é forjado. Segundo Haesbaert (1999), citado por Chelotti (2010), cada grupo social cria sua identidade (como ocorre na praça do circo), seja ela positiva ou negativa:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes (HAESBAERT, 1999, apud CHELOTTI, 2010, p. 172).

Parafraseando Chelotti, na Praça do Circo existem muitos grupos sociais frequentadores do local, que definem seus territórios apropriando-se do espaço geográfico e criando identidades. Alguns deles, inclusive, podem agir promovendo problemas para os frequentadores do lugar, como: assaltos, uso de drogas, perturbação do sossego público, e, nos dias de feira, o barulho que vai até altas horas da madrugada. Contudo, para outros, a praça qualificou o lugar e o bairro, pois, antes de haver a praça, era tudo muito sujo, havia muito mau cheiro e, além disso, o local servia para esconder produtos oriundos de roubo.

De acordo a citação de Raffesttin (1993), o espaço é apoderado pelas pessoas que frequentam a Praça do Circo, para construir seu território através do espaço, onde ele é tido como dado, gratuito e, ao ser apropriado, o território ou os territórios é/são criado(s) através do espaço e, depois, multiterritorializados. Conforme Fernandes (2005), nesse caso, o espaço está em intenso processo de completibilidade, conflitualidade e interação:

Essas qualidades dos espaços desafiam os sujeitos que neles vivem e pretendem compreendê-los. O espaço é multidimensional, pluriescalar ou multiescalar, em intenso processo de completibilidade, conflitualidade e interação. As relações sociais, muitas vezes, realizam leituras e ações que fragmentam o espaço. São análises parciais, unidimensionais, setoriais, lineares, uniescalar, incompletas e, portanto, limitadas, porque necessitam delimitar. Essas leituras espaciais fragmentárias promovem desigualdades e diferentes formas de exclusão. A superação dessa visão de mundo exige ponderabilidade na criação de métodos que desfragmentem o espaço e que não restrinjam as qualidades composicionais e completivas dos espaços (FERNANDES, 2005, p. 03).

Conforme a explicação de Fernandes (2005), acima, a Praça do Circo é palco de constantes conflitos, devido a seus frequentadores não terem os mesmos objetivos. Por isso,

usam espaços dias e horários diferenciados, fragmentando o espaço, na tentativa de amenizar as tensões. Em virtude disso, consideramos haver ali multiterritórios. É preciso ressaltar também a falta de políticas públicas que aglutinem parte desses grupos como práticas esportivas, construindo quadras poliesportivas, e a necessidade arborizar a praça e de reativar/reformar a academia ao ar livre com profissional para treinar os usuários.

CONFLITOS NO USO DO ESPAÇO E A CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DA PRAÇA DO CIRCO E RUA JOSÉ MELGAÇO DA FONSECA

Os problemas existentes no espaço onde hoje se localiza a Praça do Circo vêm de longas datas, desde o surgimento dos bairros Promissão; Hélio Leão, São Francisco, Alvorada e Alphavilhe. Criou-se a praça para interligar esses bairros que, em sua maioria, são ocupados por moradores de baixa renda. Todo um sistema e infraestrutura foram montados. Assim, as várias categorias da população iniciam atividades diversas, divergentes, promovendo tensão entre os usuários e os moradores. Ressalta-se, portanto a presença de multiterritórios.

Existem outros problemas relacionados à praça, sendo que o principal deles diz respeito à segurança, tanto da praça como da feira, quase todos ligados ao uso de drogas; assaltos à mão armada e usuários que ficam na praça cotidianamente usando entorpecentes e praticando atos ilícitos.

Outro problema da praça veio com a realização da feira nesse local. Vizinhos da praça reclamam muito do trânsito em dias de feira. Segundo eles, as ruas ficam intransitáveis, devido ao grande número de veículos e transeuntes que circulam no entorno. Logo, surge outro problema, que seria o pisoteio do gramado dentro praça. Criticam também a falta de seguranças e guardas municipais de trânsito que possam coibir coibindo essas infrações.

Esses problemas são pontuais da Praça do Circo, devido ao fato de estar em bairros periféricos, com ruas estreitas, além da pouca iluminação e do baixo número de policiais. Há também a ausência do poder público para sanar esses problemas. Pelo observado nas entrevistas, com pequenas medidas, a sociedade ficaria satisfeita e reduziria as críticas.

Nos dias de feira, são montados boxes um ao lado do outro. Em sua maioria, barracas com armação de ferro coberto por lona. Alguns moradores vizinhos da praça reclamam ainda do mau cheiro exalado de algumas barraquinhas que vendem frituras, como pastéis, peixes e

salgados. Segundo eles, esses feirantes usam o mesmo óleo por muito tempo, sem a troca devida, provocando um odor insuportável. Alguns vizinhos disseram já não mais consumir nada da feira relacionado a alimentação. Apontam que, em dias chuvosos, sobretudo quando há chuvas torrenciais, esses óleos saturados são jogados no chão pelo vento, contaminando o solo e provocando queimaduras em feirantes e visitantes.

Quando chove, molha e derruba tudo e, quando há sol, o calor é escaldante. Para esses vizinhos, o ideal é construir um galpão, como o que já existe na feira de domingo, onde os feirantes ficam organizados, no espaço interno, evitando alguns desses transtornos. Assim, não é necessário montar/desmontar barracas, aumentando a segurança da feira.

Ainda é apontado pelos moradores que, na praça, encontram-se problemas relacionados a resíduos, líquidos e sólidos deixados pelos feirantes após o término das feiras, tanto na praça como na rua. As reclamações prosseguem quanto ao alto volume de som em umas das barraquinhas onde se faz som ao vivo em dias de feira e também no que diz respeito à venda de bebidas quentes em dose, uma vez que, segundo os moradores locais, nas outras feiras livres essas atividades são proibidas.

Outros questionamentos referem-se a um dos banheiros químicos deixado no local por um dos feirantes durante toda a semana, causando mau cheiro, além de ser usado para praticar atos ilícitos: alguns casais encontram-se nesse banheiro, o qual, muitas vezes, é derrubado por vândalos, aumentando ainda mais o mau cheiro.

A feira deixa de ser apenas um lugar onde as pessoas vão para realizar compras e passa a ser o espaço de estabelecer relações, fazer amizades, descontrair, relaxar, conhecer o lugar, analisar e comparar preços com os dos supermercados, frutarias e verdurões, além de divertir-se com amigos e familiares.

É evidente que há a percepção desse espaço, sob o ponto de vista do capital, como área de especulação imobiliária, devido ao grande movimento provocado pela feira. Para Gomes (2007, p. 20), o espaço passa a ser um local revestido de valor de troca. Logo, deixa de representar um benefício à sociedade e passa a atuar como especulação imobiliária. Desse modo, os imóveis próximos à Praça do Circo estão com alta procura e os preços passam a ser abusivos, apesar da insegurança.

Também se tornou um local em que as donas de casa possam encontrar tudo de que precisam para seu cotidiano, por estar próxima às suas residências, com atendimento rápido,

direto do produtor, com produtos frescos colhidos quase que na hora das vendas, boa parte deles produzidos pelo processo de transição orgânica e/ou agroecológico. No entanto, é preciso considerar também que, às quartas-feiras, à tarde e à noite, a feira passa a ser um local de encontro das pessoas.

Os pequenos produtores levam seus alimentos fresquinhos das hortas e de pequenas criações nas chácaras próximas ao município de Quirinópolis, tudo de boa qualidade; entre eles: pimentão; cenoura; cebolinha; cebola de folha; alho; repolho; alface; brócolis; milho verde; pimenta verde e madura em conserva e pimentão. Na feira, ainda é possível encontrar frango caipira vivo e limpo, ovos caipiras e de granja, a carne ou os miúdos do porco, juntamente com a pele e gordura suína vendidas individualmente por peso, o que funciona como circulação de mercadorias entre feirantes. Quando algum feirante precisa de um produto que não comercializa, ocorre a troca desse por outro produto seu, e vice-versa.

Na feira, há também vários alimentos prontos para serem consumidos no local, como: caldos de milho; feijão; frango e misto; mocotó; sorvetes; tapiocas de sal e doces (chocolate, leite condensado, geleias); carne na chapa; crepe suíço; churrasquinho de carne bovina; suína e aves; peixe frito (muitos desses vêm acompanhado de feijão tropeiro; arroz; vinagrete; mandioca e molho); milho assado, cozido e bolinho de milho; panquecas de milho, as deliciosas pamonhas nos seus mais variados gostos, salgados fritos e assados e refrigerantes.

O artesanato local também está presente na feira, pois há vários tapetes; colchas; forros de mesa ali sendo comercializados. Há também hippies vendendo seus produtos, entre eles: pulseira; colares; anéis; grãos de arroz com em que se grava o nome da pessoa; brincos filtro dos sonhos, tudo personalizado. Desse modo, o espaço da feira é bem diversificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço onde hoje se localiza a Praça do Circo outrora era uma quadra sem utilização adequada, com mato, lixo jogado pelos moradores e ausência de iluminação pública. Com a sua transformação em praça, a população começou a desenvolver hábitos de frequentá-la e construir ali um ambiente familiar. No entanto, aos poucos, as tensões e conflitos começam a surgir a partir da ocupação de outras práticas culturais, econômicas e de interesse de grupos menores. Uma das principais atividades que atribuíram uma característica nova ao local é a feira livre nos dias de quarta-feira.

No entanto, a praça não é ocupada apenas com a feira. Na perspectiva dos multiterritórios, nesse espaço, há também a promoção de expressões culturais à população. A praça funciona como elo entre a sociedade e os órgãos públicos, servindo de apoio aos artistas e ao poder público para a interiorização da cultura aos menos favorecidos da sociedade. Ali é apresentado, por intermédio de parcerias com Ministério da Cultura, da Prefeitura Municipal de Quirinópolis e da Caixa Econômica federal, o Cinema itinerante em visão tridimensional.

Grupos sociais minoritários também utilizam esse espaço, promovendo mais tensões e conflitos. Dentre eles, estão os skatistas e usuários de entorpecentes químicos ilícitos. As práticas familiares que existiram no início da instalação da praça já não se fazem mais presentes por conta desses e de outros grupos sociais, cujas atividades causam tensões.

Os conflitos postos nesse espaço habilitam-nos a desenvolver os conceitos de multiterritórios e multiterritorialidades no local, indicando uma disputa pelo lugar, que se transforma em território ou territórios e, nesse sentido, estão presentes as relações de poder no que se refere ao uso e controle do espaço.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **Cidade e indústria**. São Paulo: Contexto, 1992.

CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e identidade territorial. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 165-180, abr. 2010.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 6, p. 14-34, jan./jun., 2005.

GOMES, H. **Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia**. Goiânia: EdUCG, 2007.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARTINS, G. I.; CLEPS JUNIOR, J. As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Norte de Minas Gerais. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 134-168, fev. 2012.



REVISTA MIRANTE, Anápolis (GO), v. 10, n. 3 (edição especial), ago. 2017. ISSN 19814089

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, J. C. V. Lazer e turismo em paisagens cênicas do Cerrado - uma reflexão sobre as alternativas e estratégias de atividades para pequenos e médios produtores. In: JESUS, J. N.; SANTOS, G. C. (Org.). **Geografia e sujeitos do Cerrado: análises e reflexões**. Goiânia: Kelps, 2015.